

DIPLOMACIA

Presidente projeta inflação de 4% em 2001

Em discurso para empresários alemães, FHC traça cenário otimista para o País

DOCA DE OLIVEIRA
e JOÃO CAMINOTO
Enviados especiais

BERLIM - O presidente Fernando Henrique Cardoso traçou ontem um cenário otimista da economia brasileira para o ano que vem.

Em encontro com empresários na Confederação Nacional da Indústria Alemã (BDI), ele disse que em 2001 a inflação não será maior do que 4% e este ano o índice ficará em torno de 6%, podendo haver variação de 2% para cima ou para baixo.

"É uma variação larga, mas não acreditamos chegar no 1% para cima." Ele improvisou a maior parte do discurso. No texto original, distribuído à imprensa, seu prognóstico para este ano era de inflação de 6,7%.

Fernando Henrique voltou a atacar o protecionismo e fez uma crítica velada ao plebiscito da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre o pagamento da dívida externa: "Essa idéia de que é preciso dar o calote na dívida, é dar o calote neles mesmos." Estes são os principais trechos do discurso:

■ **Inflação** - "A trajetória da inflação é mais moderada. A meta é ficar em torno de 6%, com variação de 2% para cima ou

para baixo. É uma variação larga, mas não acreditamos chegar no 1% para cima. No ano que vem, não teremos inflação maior do que 4%. Com todas as dificuldades, não voltamos a um passado que nos hororiza."

■ **Dívida** - "Como temos reservas de US\$ 30 bilhões, a dívida é de US\$ 60 bilhões. Não passa de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) e, comparada com a dívida de qualquer país, é muito confortável. É uma dívida ajustada. O resto é do setor privado, são US\$ 120 bilhões. Não tem sentido imaginar não pagar esta dívida. Essa idéia de que é preciso dar calote na dívida, é dar calote nesses mesmos. Eles queriam fazer o que foi feito em outros tempo, um desastre absoluto."

■ **Barreiras** - "Não dá mais para continuar havendo uma retórica de liberalismo e uma prática de protecionismo nos países desenvolvidos. É preciso uma

mudança na política agrícola da Europa, que é injusta, equivocada e atrasada, faz a defesa de privilégios e prerrogativas que não cabem no mundo globalizado. É preciso definir um cronograma de entendimento entre Mercosul e União Europeia porque não podemos ficar falando, falando e não fazer nada. Isso cansa. Queremos compromissos efetivos com a abertura de mercados e somos absolutamente contrários às barreiras não tarifárias. Os Estados Unidos estão na liderança das barreiras tarifárias e elas são muito pesadas.

Isso é injusto, inaceitável."

■ **Custo** - "Eu presido hoje um país que é democrático, que tem tido coragem de mexer nas suas instituições com um custo muito grande, até pessoal, de levar adiante uma política de austeridade. Isso tem um custo pessoal, mas eu respondo pelos interesses do meu país, não pelos meus eventuais interesses, do

grupo político a que pertenço ou que é aliado meu."

■ **Balança comercial** - "Não conseguimos aumento no saldo da balança comercial, mas houve uma mudança inequívoca. Agora teremos pequenos superávits: é mil vezes melhor um pequeno superávit do que déficit. O volume das importações não diminui porque não houve redução no ritmo da atividade econômica. Para fechar o déficit temos contado com investimento direto muito forte. Mesmo nas privatizações a maior parte é investimento local. Não desnacionalização."

CRÍTICA
À POLÍTICA
AGRÍCOLA
EUROPÉIA

■ **Recuperação** - "No início de 1999, a previsão era que teríamos recessão muito forte e o PIB teria crescimento negativo de 3%. Os mais exagerados falavam em 6%. Em abril já era claro que o efeito que mais temíamos, que era a volta da inflação, não iria ocorrer. Que os efeitos da desvalorização não seriam um terremoto sobre a inflação. No fim do ano a inflação bateu em 9%. Na época, 9% nos pareceu uma xicrinha de café que tomamos sem açúcar."